

{EDITORIAL}

De que África estamos falando em pleno século 21? Não podemos mais desconhecer a África ou mesmo conhecer apenas os estereótipos que o ocidente inventou sobre ela. Esta é a proposta do terceiro número da Revista Arte 21, do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, que apresenta um amplo Dossiê sobre arte, cultura e história deste continente que legou à humanidade, e a nós brasileiros, particularmente, inumeráveis práticas culturais, narrativas histórico-literárias, imagens artísticas e tantos modos plurais de enfrentar a alteridade. Uma publicação sobre África deve contemplar tanto a diversidade cultural que abraça o continente com suas incontáveis práticas políticas, estéticas e filosóficas, quanto também apresentar uma outra forma de se aproximar do legado que estes povos criaram em seu próprio espaço-tempo como ainda recriaram em outras geografias.

Os textos, reflexões, ensaios e outros formatos deste número não buscam reduzir, sintetizar, identificar, essencializar ou mesmo mistificar, novamente, a África. Isso é o que tem sido feito há séculos. Também não dialogamos com os reducionismos que apontam uma África negra fantasiosa, primitiva, violenta, miserável ou mesmo sequelada pela escravidão. Sem esquecer os longos séculos de dominação ocidental, sem esquecer os processos violentos de conquista colonial-imperial oficializados na Conferência de Berlim, e ainda sem esquecer a construção perversa do racismo que estigmatizou o povo negro, este Dossiê lembra que existem outras “áfricas”. Para alcançar este objetivo, apresentamos textos de professores, artistas, pesquisadores africanos, brasileiros e de outras partes do planeta sobre arte, cultura e história do povo africano sempre trazendo um olhar alternativo que, não esquecendo o passado, mostre como estamos enxergando hoje este “planeta”, sinalizando as mudanças em curso que alteram e remodelam as configurações sociais desses milhares de povos que ali habitam.

Os cinco artigos que compoem este Dossiê África – Brasil de alguma forma se interrelacionam propondo novos olhares numa perspectiva histórico-antropológica inovadora. Inicialmente, analisamos como a arte africana tida como “tradicional” foi representada nos museus ocidentais. Na sequência, conhecemos a arte de Tamacheque, uma antiga sociedade do Saara, conhecida na literatura como povo Tuareg. Questionamos quais são as imagens da África contemporânea veiculadas pela indústria cinematográfica norte-americana e nos inquietamos com a literatura de Luandino de Freitas e seu poder de enfretamento contra o autoritarismo de Salazar, em Angola. Por fim, descobrimos que a participação de mulheres nas operações de paz das Nações Unidas, na África, é parte central de uma discussão ampla sobre a igualdade de gênero.

As seções Pensata e Palavra estrangeira postulam um novo lugar tanto da arte no continente africano quanto da força da cultura na edificação de uma civilização com traços, signos, indiosincrasias curiosas e inéditas para o resto do mundo. A dimensão e a relação entre arte e política são exemplos de novos campos de estudo sobre o continente. As habilidades diplomáticas de Nzinga Mbandi, conhecida como Rainha Ginga, soberana dos reinos do Ndongo e Matamba no século XVII, o corpo de artistas africanas como meio de protesto da arte contemporânea da África do Sul e do Quênia, o relato impressionista de um diplomata brasileiro na África e o trabalho do artista Saint Clair Cemin, apresentam novos olhares estéticos, científicos e políticos sobre o continente. Também falar de África impõe-nos compreender como a religião cristã deitou raízes no continente. Para isso, a resenha da inédita obra de Tiago Sapede “Muana Congo, Muana Zambi a Mpungu” analisa a complexidade dos contatos culturais decorrentes da adoção do catolicismo no Congo. Finalmente, Arte 21, na entrevista com Toumany Kayoute, revela a difícil e tortuosa relação África-Europa abordando temas como globalização, arte, juventude e resistência.

De que Áfricas estamos falando hoje? Orientado por essa proposta, Arte 21 resgata o lugar da crítica social preocupada em compreender, pelo exercício teórico transdisciplinar e intercultural, outros espaços e temporalidades não capazes de responder que África é esta, porém, de agenciar sentidos transitórios de uma alteridade não somente negra, mas também, corporalmente humana e complexa.

Editor

Prof. Dr. José Ronaldo Alonso Mathias